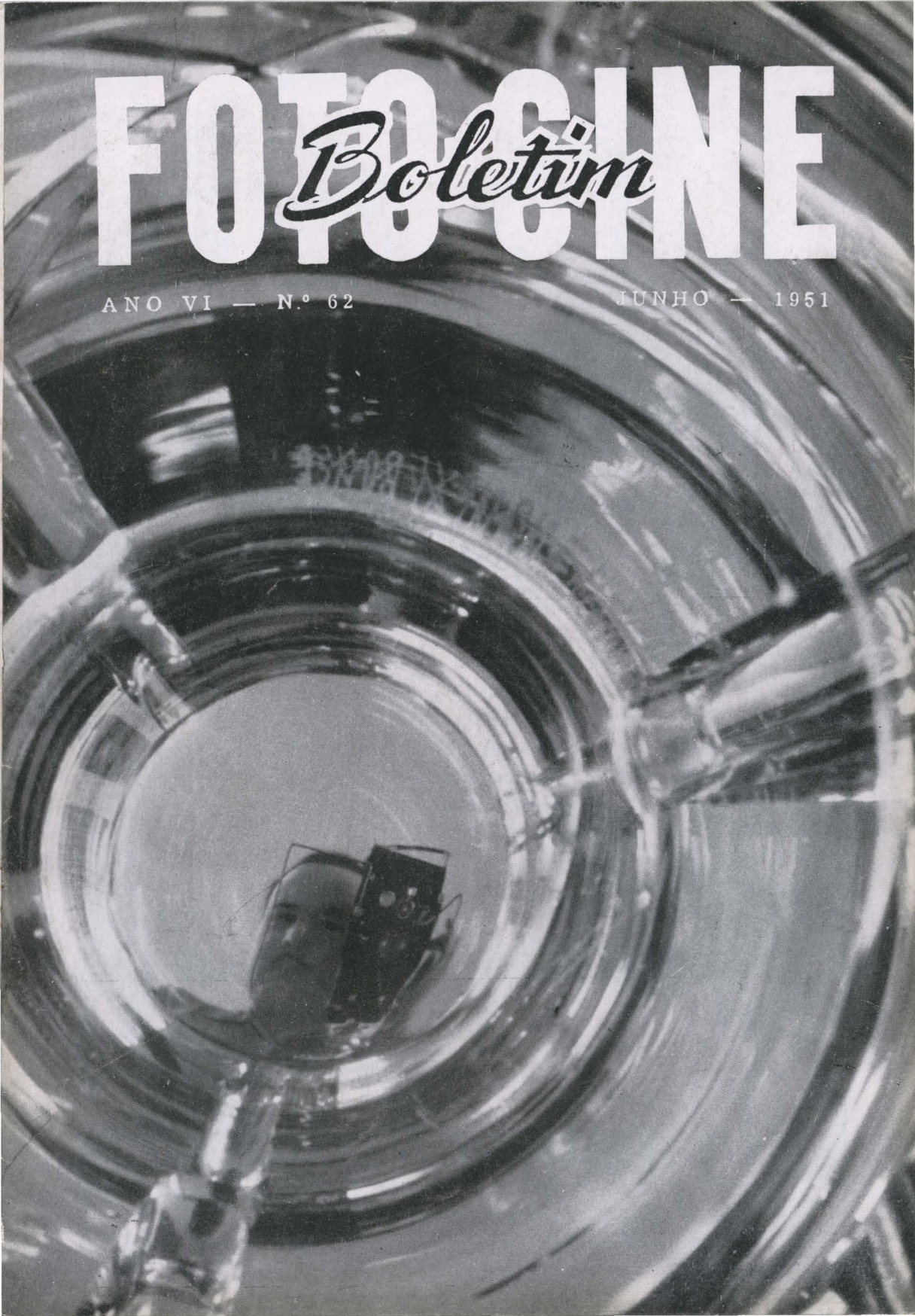


FOTO CINE

Boletim

ANO VI — N.º 62

JUNHO — 1951



tudo que precisar em

Cine-Foto

- ☆ Máquinas fotograficas
- ☆ Acessórios para fotografia
- ☆ Acessórios para laboratório
- ☆ Livros e revistas sôbre Cine-Foto
- ☆ Filmes, chapas e papéis
- ☆ Projetores mudos e sonóros
- ☆ Filmadores 8 e 16 mm.
- ☆ Acessórios para cinema
- ☆ Filmoteca de aluguel
- ☆ Filmagens a domicilio
- ☆ Projeções a domicilio
- ☆ Moderno laboratório

Vendas pelo Credi-Mesbla

MESBLA
24 DE MAIO, 141

Uma loja completa no centro da cidade

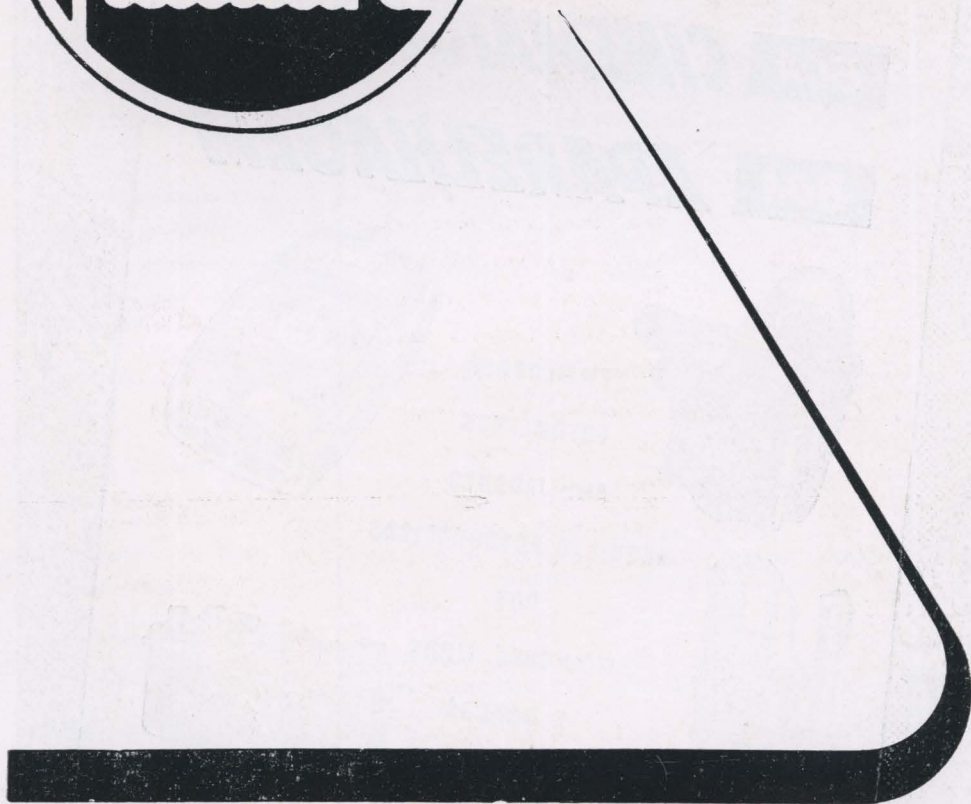




FILMADORES

8 e 16 mm

PROJETORES



REPRESENTANTES:

BRASPORT LTDA.

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO



Para

BOA FOTOGRAFIA e

BOA CINEMATOGRAFIA

BOA APARELHAGEM

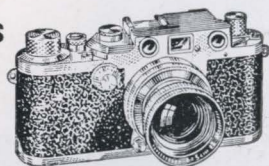
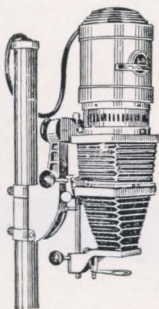


FILMADORES
FOTÔMETROS
AMPLIADORES



MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS
DOS

MELHORES TIPOS
E MARCAS



CIPAN

R. D. José de Barros, 238/253 - Tel. 36-6913 - S. Paulo

VENDAS À VISTA E A PRAZO

Xavier - S. P. 14





Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima**Antonio S. Victor**Correspondentes no
Estrangeiro:**Alejandro C. Del Conte,**
Buenos Aires, Argentina**Marius Guillard**
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**
Roma, Itália**Ray Miess**

Wisconsin, Estados Unidos

Geraldo de Barros
Paris, França

Redação e Administração:

R. São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil**NOSSA CAPA**

"TURBILHAO"

de
Aldo A. de Souza Lima**SUMÁRIO**

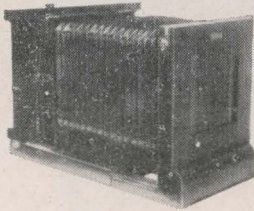
	Pg.
A NOTA DO MÊS	5
FOTOS DE "BALLET"	6
ANNEMARIE HEINRICH	
ALGUMAS GENERALIZAÇÕES QUANTO À REAÇÃO QUE POSSA CAUSAR DETER- MINADA FOTOGRAFIA NO QUE DIZ RESPEITO AO SEU TEMA	12
ALVARO GUIMARÃES JUNIOR	
SEMINÁRIO DE ARTE FOTOGRÁFICA	21
EMULSÕES FOTOGRÁFICAS	28
CLAUDIO PUGLIESE	
—◆—	
ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS — O BANDEI- RANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CON- CURSOS — SALÕES — VARIAS.	
—◆—	
Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro	Cr.\$ 60,00
Para o exterior	Cr.\$ 100,00
ÓRGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE	

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

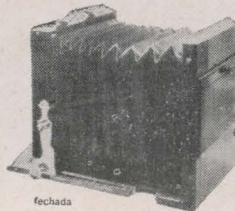
Toda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avanhanda, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

J. CUNHA OLIVEIRA & CIA. LTDA.
 Rua da Assembléa n.º 69
 Rio de Janeiro

PRODUTOS DE FABRICAÇÃO "CEPHO"



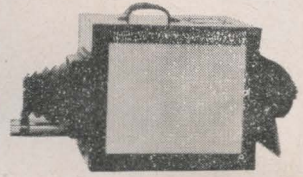
MÁQUINA PROFISSIONAL - ATELIER"
 em 18 x 24



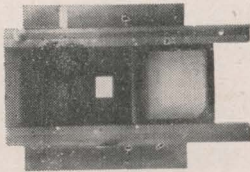
fechada



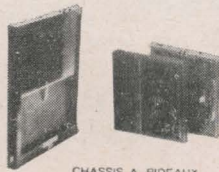
aberta



MÁQUINA PROFISSIONAL - JARDIM"
 para postais instantâneos



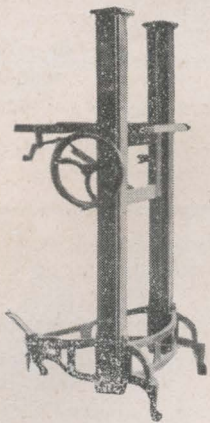
MULTIPLICADOR
 para máquinas 18 x 24 ou 13 x 18



CHASSIS A RIDEAUX
 em 18 x 24 em 13 x 18



INTERMEDIARIOS
 PARA TODOS
 OS TAMANHOS



TRIPÉ DUAS COLUNAS



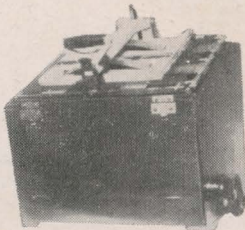
CAVALETES DE MADEIRA P/ SECAR CHAPAS



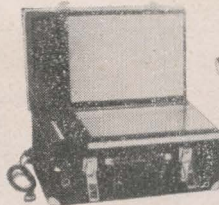
TRIPÉ PORTATIL
 em 9 x 12
 13 x 18 e 18 x 24



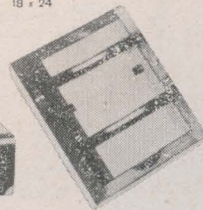
TRIPÉ DE UMA COLUNA



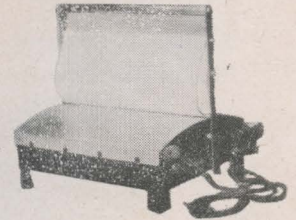
PRENSA ELETRICA P/ IMPRIMIR



PRENSA FOTOSTATICA PARA
 COPIA DE DOCUMENTOS



PRENSA MANUAL



ESMALTADORA ELETRICA
 para esmaltar copias



LAMPADA DESP.
 RADORA DE
 MAGNESIO



ROLO DE BORRACHA



RETOCADOR COM GAVETA E ESPELHO



CORTADEIRA DE PAPEIS
 corte liso

A Nota do Mês

Na vida das agremiações associativas e sobremaneira naquelas florescentes, existem, periodicamente, fases decisivas que determinam o grau de progresso obtido. É o balanço das sociedades comerciais, a competição final dos campeonatos esportivos, a temporada nas associações musicais e, para nós, o Salão anual.

Aproximamo-nos dessa fase que se reveste, neste ano, de especial valor. Completamos a década de nosso Salão. Temos, evidentemente, um compromisso severo para com o grande público que acompanha o desenvolvimento, sem par, de nosso Clube. Fomos os pioneiros dos Salões Internacionais Brasileiros e neste esperamos aureolar, brilhantemente, a grandeza atingida por nosso País na arte que nos empolga.

Os prospectos são dos mais auspiciosos bastando, para tanto, considerar o grande número de países, entidades e autores que nos vem distinguindo com a remessa de seus trabalhos.

As seleções brasileiras vão chegando, e a certeza incontestante do valor artístico de nosso povo vai se firmando. Com elas se unem os trabalhos dos "bandeirantes" que anseiam por sobrepujar a si próprios para continuar a ascensão, sem precedentes, de sua entidade.

Não existem, agora, associações individualizadas; existe, isto sim, a necessidade imperiosa de glorificar o valor da arte fotográfica de nosso País. Tarefa árdua, é bem verdade, mas que, estamos certos, será plenamente atingida pela pujança de nossos artistas.

Fotos de "Ballet"

Texto e fotos por

ANNEMARIE HEINRICH

(Especial para Foto-cine)



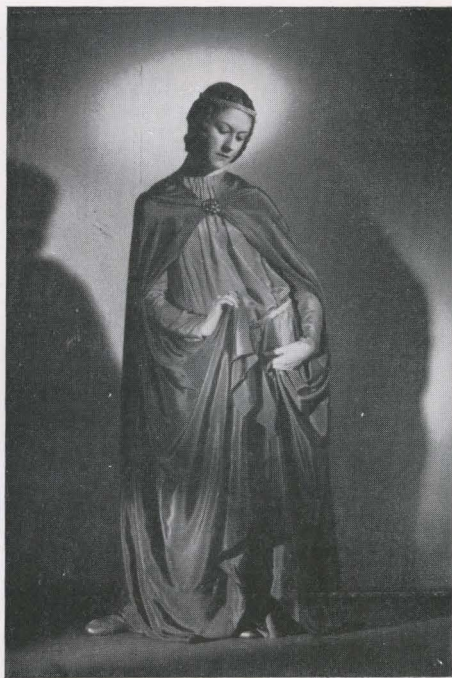
BAILADO MODERNO (Expressionismo)

Um pintor, um romancista, um comediógrafo, ainda que os consideremos subordinados, em sua função de autores, a personagens rigorosamente próprios e inevitáveis (Pirandello), podem eleger livremente seus temas, figuras e protagonistas de maior predileção ou necessidade. Um fotógrafo, no entanto, mesmo que trabalhe com independência, e exclusivamente em obras de criação artística, é obrigado a aceitar rostos, corpos ou cenas que lhe são impostas, e o amarram a uma realidade de fatos prévios e consumados. Não me refiro aqui, para não chegar a extremos, á infeliz situação daqueles artistas — ai, e tal é meu caso! — que têm que manter abertas as suas portas, comercialmente, ao público corrente das ruas.

É certo que toda arte está, em nosso "modus" social, subordinada, muito ou pouco, aos ditâmes da maioria e aos níveis dessa grande massa anônima que, sendo tão atacada é, contudo, destituída de culpas. Porém, aqueles artistas a que me refiro, aqueles das clássicas profissões de criação, podem, ainda que atingindo, quando necessário, aos planos abstratos, tomarem a liberdade de esquecer totalmente aos seus mandatários. (Ainda que, quando desejem fazer obra realmente boa e duradoura, nunca se esquecerão e, pelo contrário, irão se aferrar aos ditâmes da realidade mais viva e imediata que os homens e os povos, com seus dramas e aspirações do momento, lhes impõem. E o farão, além do mais, com apaixonada felicidade). Pelo con-

trário, e isto redobra o contraste acima assinalado, somente como exceção é dado ao fotógrafo, a quem (Oh, paradoxo!) se considera como um irrepreensível reproduzidor de realidades, essa oportunidade universal que possuem todos os outros artistas: criar à vontade, em termos de arte, assuntos e modelos, escolhidos com inteira liberdade.

Sem qualquer dúvida constitui exceção o fato de que o fotógrafo de estúdio possa fazer arte com a realidade que passa indiferente a seu lado ou que, por vezes, o reclama com insistência. E é na qualidade desta exceção que considero as fotografias de "ballet". No maravilhoso mundo da dança, clássica ou moderna, de folk-lore



BAILADO GREGO



BAILADO CLÁSSICO

ou fantasia, a câmera e a luz nunca deixaram de acumular relevadas riquezas expressivas, belos rasgos estéticos. Não deixo de apreciar, é óbvio, nem sub-estimo o rosto, as expressões usuais do homem, da mulher, das crianças. Porém, fazer fotos de rostos, repetir rostos que, apesar das inúmeras variantes, em sua multiplicação infinita, somente chegam a esquematizar um número limitado de expressões e personalidades, é, para um artista, salvo raríssimas ocasiões, o mesmo que para um poeta ver-se obrigado a dispendir suas melhores energias no jornalismo. O rosto é a notícia, o fato, o dado, que o jornalista nada pode fazer senão apresentar ao leitor como é,



BAILADO FOLKLORICO — (os bailarinos representam a luta de dois pássaros carnívoras do norte da Argentina, o corvo e a "chuna", luta que termina com a morte de um deles, geralmente a "chuna").

e do qual não pode escapar nem para o prazer, nem para o encantamento. Nas fotografias de bailado, ao contrário, com essa matéria maravilhosa que é o corpo humano, enriquecido pelas vibrações das paixões e pela luminosidade do espírito, o fotógrafo se acha como o poeta que em seu quarto em desalinho, embaralha, febril, as folhas em branco, pronto para nelas depositar um novo milagre.

Eis-nos, então, no estúdio; compartimento vazio, com nada mais que três

ou quatro refletores atirados a um canto e uma bela câmera nua ante nós. É todo nosso instrumental de criação. Entra o bailarino, ou a bailarina, ou ainda ambos formando um par. Porém quantas vezes seu rosto nos dirá algo, seu corpo vibrará com essa graça de deuses que se esconde na vida da dança, seus membros aparecerão harmoniosos, ritmicos, proporcionados e expressivos, e os seres virão a integrar-se com outro para a conquista comum, como esse outro já se há integrado?

★ **Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio** ★

Dezenas e dezenas de exemplos passam ante a câmara até que chega aquele do “divino don”, aquela bem dotada pela Deusa cega.

Porém ei-los aqui, por fim, e a sessão vai começar.

Duas exigências fundamentais devem ser sempre respeitadas em todas as fotos de “ballet”: 1.º não esquecer que o bailado é movimento ao mesmo tempo que harmonia; corpo transfigurado em linguagem e espírito corporificando-se, fisicamente, em ritmos e em ação. Qualquer que seja a pôse a tomar, a fotografia deve refletir esse movimento, essa energia vivente, a vi-

bração corpórea e animica; 2.º cada bailado é algo definido, especial, característico, que expressa um fundo próprio, diferenciado, com suas formas correspondentes, inalienáveis. A fotografia deve traduzir esse “senão”, essa definição, em essência e em presença. Corre por conta do fotógrafo, naturalmente, a composição, o enquadramento, o jôgo de luzes, o ângulo de focalização e o momento justo da expressão, que hão de por em evidência e exaltar todos os valores específicos daquele momento fugaz, no desenvolvimento geral do bailado e da vida.

É um erro acreditar que a máquina de pequeno formato, com sua mobili-



BAILADO ELEGANTE (Fantasia)



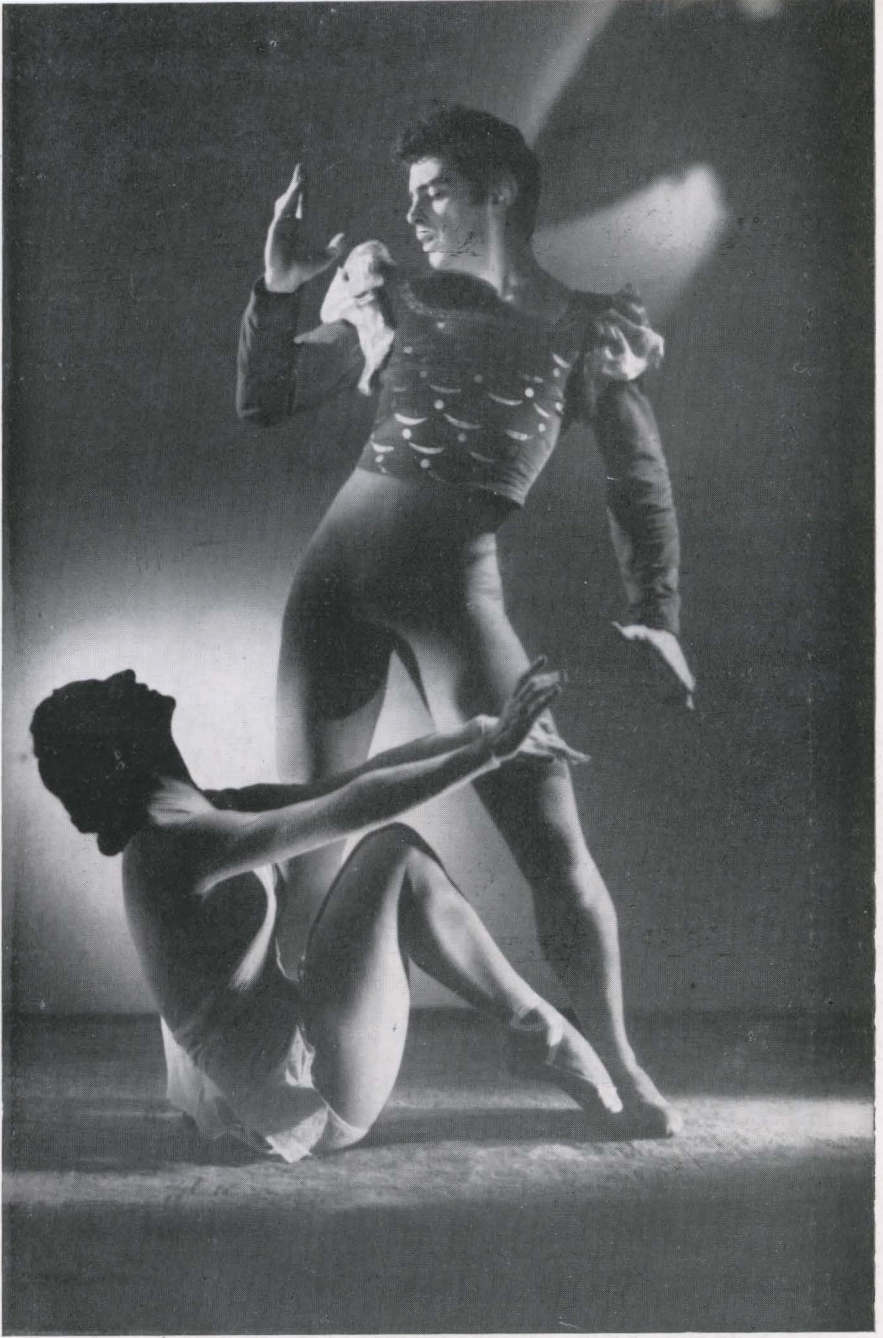
BAILADO ESPANHOL

dade e objetiva de grande luminosidade, com suas tomadas de velocidade, ajudam a expressar o movimento dos bailados. Pelo contrário: negativos 13x18 e lentes 1:4,5 são os que vão nos dar melhor definição do movimento, a qualidade dos diversos materiais e a perfeição final dos positivos. Outro erro comum — recurso comercial na maioria das vezes ou elemento de dissimulação em benefício de quem posa ou de quem fotografa — é a introdução de decorações, esses fundos em geral caprichosos, arbitrários, espetacula-

res ou aparentemente luxuosos, com os quais muitos mercadores de grandes cidades comerciais ou empresas publicitárias e cinematográficas, nos endossam fotos que, por vezes, seriam magníficas por si mesmas, com outras luzes menos “cartão postal” e sem acréscimos postiços. A concentração total na pôse e, dentro desta, a unificação composicional das linhas e dos volumes com as luzes e sombras, farão quanto se necessita para a pureza e unidade da obra, ideal de todo artista em qualquer das artes.



“LA DOMA” (Bailado folclórico gaúcho; o bailarino exprime o amansamento de potros).



BAILADO CLÁSICO
Annemarie Heinrich

“ALGUMAS GENERALIZAÇÕES QUANTO À REAÇÃO QUE POSSA CAUSAR DETERMINADA FOTOGRAFIA NO QUE DIZ RESPEITO AO SEU TEMA”

ALVARO GUIMARÃES JUNIOR

I

“Dada a pouca e relativa originalidade que ao escritor é possível, por ter chegado tarde, a um mundo velho, em muitos casos o mais que pode fazer é redizer velhas idéias em forma relativamente nova”.

CRUZ MALPIQUE, “Arte de Escrever”, pp. 119/20.
(Editora Educação Nacional — Pôrto — 1949).

§ Quando da PRIMEIRA CONVENÇÃO BRASILEIRA DE ARTE FOTOGRÁFICA, à qual comparecemos como delegado do FOTO CLUBE DE SANTOS, e da qual resultou, dentre outras medidas discutidas, a fundação da FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOTOGRAFIA, que, sem dúvida, terá por objetivo melhor orientação fotográfica no Brasil, foi submetido a apreciação e juízo crítico pequeno ensaio de nossa autoria: “BASES ESSENCIAIS PARA A CRÍTICA FOTOGRÁFICA” — (Interpretação Pessoal de Uma Síntese). Dentre os tópicos por nós interpretados, e, portanto, como bem frizamos no ensaio, de nossa responsabilidade, fomos interpelados — pela comissão encarregada de examinar o ensaio e sôbre o mesmo emitir parecer composta pelos srs. JOSÉ OITICICA FILHO, do F. C. Brasileiro, ALDO A. DE SOUZA LIMA, delegado do F. C. Alagoas, e JOÃO B. MUSSOLON, do F. C. Pontagrossense, — para explicarmos, entre outros, o que se referia: “ESTA (a fotografia) AINDA SOFRE DE INIBIÇÕES”, do sub-título REAÇÃO GERAL À FOTOGRAFIA, do título GENERALIDADES.

Para os que não estiveram presentes à citada convenção iremos dar, aqui, na íntegra, o parágrafo que se refere à observação acima.

§ Uma vez efetuada a análise das partes que nos referimos, resta-nos,

apenas, fazer, aqui, generalizações quanto a REAÇÃO que possa causar determinada fotografia no que diz respeito ao seu tema. A fotografia pode ser, em relação ao tema, de formas clássicas, consentâneas com ou baseadas no conservadorismo rigoroso; ou o seu oposto, formas que constituam apresentações ousadas ou grotescas, que se afastam do comum corriqueiro e contrariam tôdas as regras do bom tom ou do admissível segundo as normas do pundonor clássico; ou também de formas modernas, representando o meio termo entre as duas tendências. Alguns críticos, muito parciais e precipitados, dão, com certa empáfia, a certos ensaios ou ousadias fotográficas, a designação de “fotografia de vanguarda”. Se no momento têm razão ou se a não têm, só o tempo se encarregará de nos dar resposta. As normas liberais que servem para a literatura não servem para a fotografia. **ESTA AINDA SOFRE DE INIBIÇÕES.** (1) (vide notas no fim). A reação fotográfica, por ser imediata, muito súbita, fere, magôa, produz preconceitos. Temas ora não desenvolvidos, aguardam, gradativamente e a medida que se processa o tempo, a sua apresentação. Uma vez decorrido êsse tempo e desaparecida a inibição que produzia o preconceito, serão apresentadas. Uma vez apresentadas, não ferirão ou magoarão demasiadamente o pundonor desta ou daquela colectividade.

§ A comissão encarregada de dar parecer interpelou-nos a respeito do tópico acima, frizando, não ter compreendido ou interpretado o nosso pensamento, motivo pelo qual pedia esclarecimentos verbais. Demos, na ocasião, explicação tão lacônica, que, momentos depois, arrependemo-nos de não havermos estendido os esclarecimentos solicitados. Da nossa fal-

ta, talvez devido a pouca prática que temos de convenções, mormente de convenções da importância da que comparecemos, vimos penitenciarmos não só perante a comissão mas também perante aos demais delegados e a todos aqueles que porventura perulustrarão os anais da PRIMEIRA CONVENÇÃO BRASILEIRA DE ARTE FOTOGRÁFICA. (2)

II

"Just as words have etymologies, so have the letters of the alphabet. Words are traced back to other words; the letters of the alphabets are traced back finally to pictures, of which they are the ultimate reduction". (3)

ISAAC GOLDBERG, "THE WONDER OF WORDS: An Introduction to Language for Everyman", p. 426. (D. Appleton-Century Co., Inc., N. York — 1939).

§ De começo diremos que fomos interpelados de como interpretariamos: — ESTA AINDA SOFRE DE INIBIÇÕES —, sugerindo o tom de voz de quem nos interrogava, se nos não falha a memória, o sr. Aldo A. de Sousa Lima, uma interpretação literal da sentença, sem qualquer alusão ao tema em si: — "reação que possa causar determinada fotografia no que diz respeito ao seu tema" — ao qual conceito acima estava implícito e ao qual faltava, apenas, o que já se subtendia — QUANTO À SUA APRESENTAÇÃO.

§ Quem perulustra qualquer história do desenvolvimento dos alfabetos (4) não pode deixar de verificar que a imagem pictórica, — sem dúvida alguma, origem dos alfabetos modernos, — uma vez considerando-se es-

tar o indivíduo familiarizado com tal modo de transmissão do pensamento, é muito mais rápida para a interpretação do pensamento no referente à mensagem do não abstrato do que qualquer mensagem esboçada em qualquer dos alfabetos modernos no que se refere à mensagem literária ou abstração filosófica do pensamento do "homo sapiens" do século vinte. Partindo dessas premissas do silogismo ousaremos concluir que a fotografia não é senão linguagem pictórica do que queremos representar ou comunicar ao nosso semelhante segundo os nossos gostos e pendores individuais, com a técnica de que somos capazes, e de acôrdo com os meios mecânicos á nossa disposição, isto é, os meios de que a fotografia de nossos dias oferece aos seus adeptos.

III

"In addition to having developed language, man has also developed means of making, on clay tablets, bits of wood or stone, skins of animals, and paper, more or less permanent marks and scratches which stand for language. These marks enable him to communicate with people who are beyond the reach of his voice, both in space and in time". (5)

S. J. HAYAKAWA, "Language in Action", p. 17. (Harcourt, Brace & Co., Inc., N. York — 1941).

§ Escrevemos em tópico do citado ensaio, em parágrafo anterior ao já citado, no que se refere a COMPOSIÇÃO E ESBÓÇO, que:

"... a fotografia nos seus primórdios, copiava, ou melhor plagiava como bem podia, sempre que lhe era possível assim proceder, a composição preconizada pelas belas-artes.

Aos poucos foi-se desvencilhando da tutela imposta pelos mestres, e, audazmente, ousou contrariar a tradição que tanto lhe tolhia o desenvolvimento e que já a molestava. Insurgindo-se contra esta sujeição tentou, a mêdo, vôos isolados, no que foi relativamente bem sucedida. Então, contrariou petulantemente as regras clássicas da

composição, alçou-se em vôos altos onde pairou demoradamente em atmosferas rarefeitas; brincou, como crianças soem brincar com ângulos ousadamente atrevidos; por fim, já robustecida e senhora de sua grandeza, tornou-se mais sobranceira em novos moldes. Hoje, dentro de novas concepções de composição, encontra-se a fotografia completamente emancipada dos moldes clássicos das belas-artistas. Já há até interdependência entre estas e a fotografia. A pintura, que era plagiada, já a plagia. Em inúmeras exposições de quadros de pintores modernos nota-se já a influência da fotografia, quer seja na composição quer seja na perspectiva, por ser esta mais fiel na fotografia. Até a escultura já se utiliza da fotografia em processo moderno ao aproveitar-se dos contornos da imagem impressa nesta para, por meio de maquinismo adequado, seguir as linhas de contorno do plano e conseguir esculturas mais fiéis de determinado tema”.

§ O tópico acima, é, em linhas gerais, o desenvolvimento da fotografia, quanto à sua apresentação, de acordo com suas limitações, isto é, o seu desenvolvimento no campo da máquina inorgânica, física (óptica) e mecânica.

§ Quanto ao sofrer de inibições, no sentido literal, isso não a sofre a fotografia, uma vez que disponha dos meios mecânicos para representar a imagem quanto ao meio ambiente. Pode-se aproveitar da fotografia sempre que for requisitada para nos representar imagem do que se quer registrar, porém, uma coisa é rever o quadro para si, privadamente, ou para os seus íntimos ou a que fim este se destina; outra, é a de apresentar a imagem num salão de fotografias — preceito ou norma onde já se achava implícito não só na “papeleta” elaborada por L. Whitney e Bárbara Standish, por nós traduzida, mas também no nosso ensaio em si, de nossa exclusiva lavra, interpretação e responsabilidade.

IV

“The brain cells with which the babe is born last for the most part without renewal through life to old age and death. What brings the operation of the cell multiplication to an end at the appropriate moment is as little understood by embryologists as is the exciting cause of the initial increase.

When it is recalled that the 9,200,000,000 cells in the human cerebral cortex are the nervous elements of this organ and that they collectively constitute rather less than a cubic inch of protoplasm, it seems almost incredible that they should serve us as they do. They are the materials whose activities represent all human mental states, sensations, memories, volitions, emotions, affections, the highest flights of poetry, the most profound thoughts of philosophy, the most far-reaching theories of science, and, when their action goes astray, the ravings of insanity. It is this small amount of protoplasm in each of us that our whole educational system is concerned with training and serves us through a lifetime in the growth of personality”. (6)

GEORGE HOWARD PARKER, “Chapter VII, — The Evolution of the Nervous System of Man, in THE EVOLUTION OF EARTH AND MAN, edited, with a Preface, by GEORGE ALFRED BAITSELL”, pg. 242. (Yale Univ. Press — New Haven, 1947).

§ Como exemplos do que acabámos de asseverar no parágrafo anterior quanto à inibição de que sofre a fotografia — quanto à sua apresentação em salões fotográficos, — é bastante citarmos dois temas, os quais, cada um de per si, dão azo, sempre, a comentários pessoais: — o pornográfico e o religioso. Pela escolha dos dois temas acima não implicará isso que queiramos defender ou atacar este ou aquele tema. Do primeiro, procurámos, pessoalmente, evitar, por pensador moral; do segundo, vimos asse-

verar que somos intransigentes defensores do “livre pensamento”, portanto, tolerantes — nem defensores nem atacantes — apenas observadores imparciais do fenômeno social “religião”. Além do nosso ponto de vista já exposto, só nos resta frizar que procuraremos ser o mais possível objetivo quanto às nossas considerações no que disserem respeito aos temas de que se trata.

§ O sermos tolerantes quanto ao tema “religião”, não implicará que uma

comissão julgadora, que, no seu conjunto, também o seja, não tenha que levar em consideração o ponto de vista da colectividade quer seja esta, pela ordem da sua propagação: BRAHMÂNISTA, BUDISTA, ISRAELITA, CRISTÃ (incluindo nesta divisão: católicos, ortodoxos, protestantes, evangelistas, mórmons e outras derivadas do cristianismo), MAOMETANA, e outras de menor influência actualmente. A função da comissão de selecção, neste caso, é a de evitar que determinada "fotografia" de tema religioso fira as susceptibilidades religiosas da maioria de determinada colectividade. Enquanto se não der cabal instrução (de berço seria o ideal) à maioria de estudo comparado das religiões nos seus aspectos psicológicos, de modo a tornarem-na mais tolerante e esclarecida, sofrerá de inibições a fotografia nesse tema.

§ Já se nota, no entretanto, esforço de alguns fotógrafos, isoladamente, para quebrar a rotina, ao apresentarem trabalhos, hoje ousados, amanhã, talvez, rotineiros, do tema de que se trata. Se alguns expositores, tais como Echagüe, desenvolvem os temas religiosos sob um formalismo petrificado, já há, esforço de outros, no sentido de quebrar a rotina ao apresentarem alguns trabalhos onde já se nota a quebra dos grilhões desse formalismo de tradição. Há, sempre, em tôdas as actividades humanas, alguns indivíduos que nunca aceitam o comum, vão sempre mais além dos outros. É o que Myron Malkiel-Jirmounsky, em epigrama muito feliz e bem a propósito, assevera: "É possível, porém, imaginar um estado superior, ainda mais complexo que não será nunca, talvez, senão o de uma minoria de eleição". (7)

V

"Dizemos "coragem", porque todo aquê que quizer percorrer caminhos inexplorados, terá que sofrer os enxovalhos e as pedradas dos homens com perspectivas de batráquio, dos acaçapados sob o alqueire da rotina, da inércia que pesa toneladas".

CRUZ MALPIQUE, "Arte de Escrever", p. 247. (Editora Educação Nacional, Pôrto — 1949).

§ Agora, passemos ao outro tema. Registra conhecido dicionário da língua portuguesa (8) o seguinte:

... PORNOGRAFAR, v. t. (de pornógrafo) Descrever pornograficamente. Descrever actos ou episódios obscenos.

... PORNOGRAFIA, s. f. (de pornógrafo) Género de literatura ou de arte, caracterizado pela escolha de assuntos impudicos, obscenos.

... PORNOGRAFICE, s. f. Emprego reles ou desprezível de pornografia.

... PORNOGRAFISMO, s. m. (de pornográfica) Uso de descrições pornográficas ou obscenas.

... PORNÓGRAFO, s. m. (gr. porné, = cortesã, e graphein, = descrever) Autor de escritos ou desenhos pornográficos.

§ Visto constituir, pelo seu sentido literal, a pornografia "género de literatura ou arte, caracterizado pela escolha de assuntos impudicos, obscenos", cabe-nos observar aqui, que, êste tema, com respeito a prática da fo-

tografia, está ainda a sofrer de maiores inibições quanto á sua apresentação do que o tema anteriormente tratado.

§ O que se observa é que se a literatura goza de ampla liberdade, às vezes favor, e grande aceitação neste género, visto pulularem nas livrarias, com aceitação do público em geral, quer de intelectuais, quer da "ralé", os expoentes mais considerados como Kama-Sutra (tratado das regras do amor, escrito em sânscrito pelo sábio Vatsyayana no comêço da nossa era), "The Perfumed Garden" (= Jardim Perfumado — tratado árabe sôbre o erotismo), e os expoentes menores, que, como dissemos, pululam em livrarias e bancas de jornais, os quais, além de não servirem nem para estudo psicológico do erotismo em si, — seja anormal ou não, apenas como simples ato fisiológico, — trazem, pela sua leitura perniciosos, o público que as lêem em constante estado de exacerbação mental.

§ A arte, já sofre de inibições neste tema. Se a alguns, privadamente, é

dado exibir a outrem gravuras ou pinturas onde haja mais ampla liberdade, ao público em geral, este tema ainda se acha restringido por medidas da polícia de costumes em quasi todos os países.

§ A arte já sofreu, até de retrocesso nêsse sentido. É notório o que se passou na basílica de São Pedro, em Roma, com as imagens nuas pintadas por Miguel Ângelo, as quais, por serem julgadas indecorosas, elementos pundonorosos mandaram-nas revestir de "roupagens" nos lugares onde feriam o "pseudo-pundonor" dos fiéis que ali se congregam em busca de conforto religioso.

§ A prática da fotografia, neste tema quanto à sua apresentação, sem se levar em conta os "french post cards" de apresentação privada, ainda sofre de maiores inibições do que as outras já citadas (literatura e arte-pintura). Toleram-se, quando muito, nos salões ou mostras fotográficas, os nús, considerados artísticos, quando apresentados de modo que não provoquem a concupiscência, sensualidade, lascívia, luxúria e lubricidade.

§ Há, na literatura, inúmeros mananciais de onde a fotografia poderia abeberar-se. Há, na literatura, quando uma interpretação não seja licen-

ciosa, uma fonte inexgotável de assuntos ou temas fotográficos. Tomemos por exemplo, o "Rubayyat" de Omar-Khayyam (Abul-Fath-Omar-Ibn-Ibrahim-el-Kheyymi), universalmente conhecido. Suas quadras de "inspiração voluptuosa, atesta e céptica" já inspiraram um sem número de pintores, desenhistas e gravadores. Porquê ainda não os fotógrafos? Lanço aqui a pergunta à guisa de semente, pois as quadras do notável poeta persa dão azo a inúmeras imagens, que, se exploradas com a restrição que ainda exigem os salões fotográficos, muito lucraria a fotografia em originalidade na apresentação de um tema que sofre "atrozmente" de censura.

§ Muito poderia ser dito ou escrito acêrca dos dois temas "religião" e "pornografia", no entretanto, pensamos que o acima exposto, para não nos alongarmos demasiadamente, já nos dá idéia do que poderia ser dito ou "esclarecido" à comissão encarregada de examinar o ensaio de nossa autoria e sôbre o mesmo emitir parecer. Diz o prolóquio, "antes tarde do que nunca", ao que arrematarei, se o não fizemos antes impediram-nos de assim e fazer os quefazeres, os quais para nós constituem coisa muito importante: "o pão nosso de cada dia".

"Most people seem to imagine they see with the eye. They do not. They see with the brain. The eye is merely the lens of the camera, which no more takes and records the picture than does the human eye. It is the sensitized plate makes the record — not the lens. So with the brain". (9)

R. J. A. BERRY, "Your Brain and its Story", p. 24. (Oxford Univ. Press — 1939).

NOTAS:

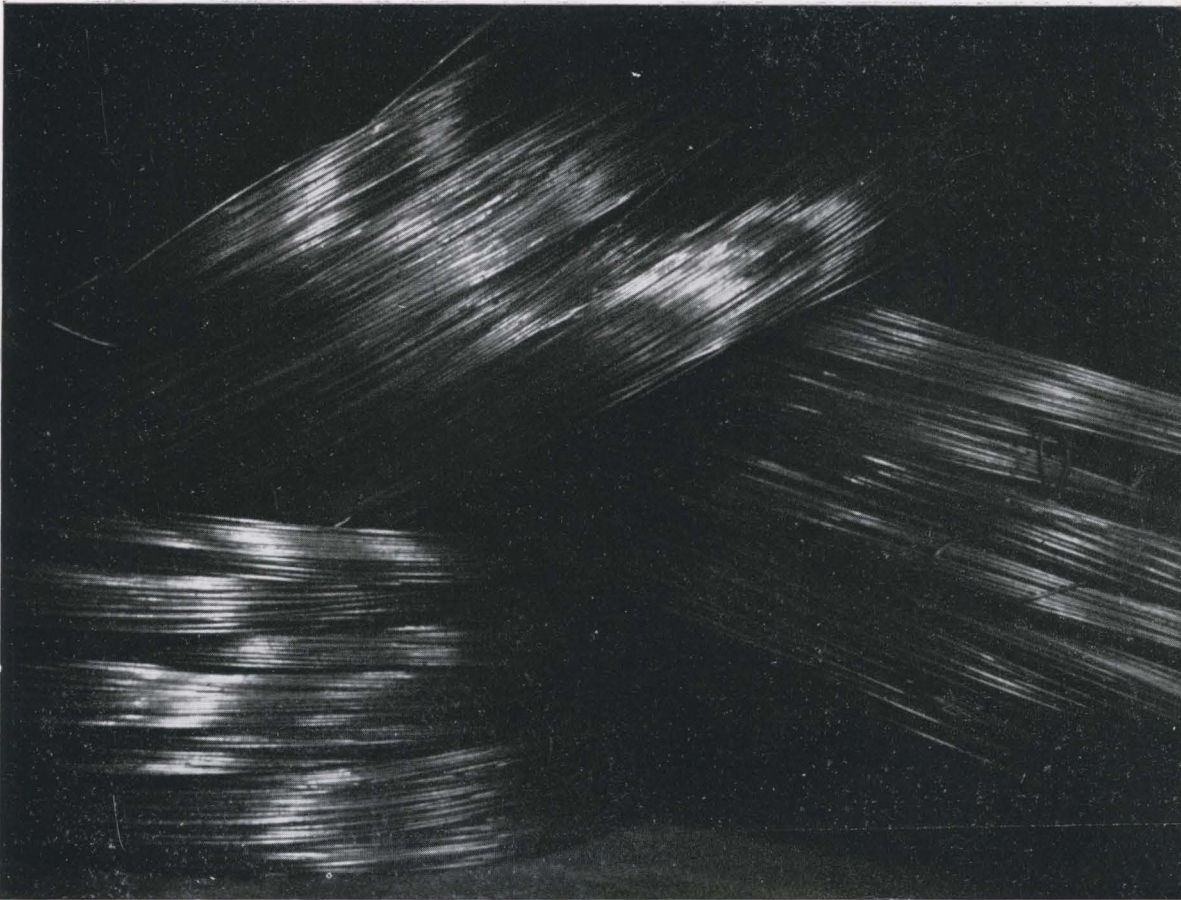
- ... (1) A sentença foi sublinhada propositalmente neste artigo.
- ... (2) Caso saia a lume, o que, até agora, se não deu.
- ... (3) "Assim como os vocábulos têm etimologias, as letras do alfabeto também as têm. As palavras dizem-se provir de outras palavras; as letras do alfabeto originam-se, finalmente, de imagens, das quais constituem a sua redução final".
- ... (4) Por exemplo: "THE ALPHABETH — A Key to the History of Makind", de autoria de David Diring (Philosophical Library — N. Y. — 1948), por ser obra recente e basilar.

Há outras bem interessantes, como a de William A. Mason, "A HISTORY OF THE ART OF WRITING" (um pouco parcial e já um tanto obsoleta); "THE STORY OF THE ALPHABET", de Edward Clodd (também esta precisa de uma revisão); "THE A B C OF OUR ALPHABET", de Tommy Thompson (moderna, porém, muito sucinta);

"GESCHICHTE DER SCHRIFT IN BILDERN", de Jan Tschichold (do ponto de vista fotográfico é muito interessante); "THE 26 LETTERS", de Oscar Ogg (muito interessante quanto aos materiais empregados no desenvolvimento do alfabeto); "HISTORIA GRAFICA DE LA ESCRITURA", de Emilio y Alfredo Relano (moderna e útil e bem acessível aos brasileiros por vir em idioma castelhano); e inúmeras outras.

- ... (5) "Além de ter feito progredir o uso da linguagem, o homem também desenvolveu meios com que fazer em tábuas de argila, fragmentos de madeira e pedras, pele de animais e papel, sinais e riscos mais ou menos permanentes que representam linguagem. Esses sinais habilitam-no a comunicar-se com povos que estão além do alcance da sua voz, seja no espaço, seja no tempo".
- ... (6) "As células do cérebro com as quais o bebê nasce duram, na sua maioria e sem renovação, por toda a sua vida de adulto, velhice e morte. O que inter-

Cont. na pág. 34



"ARAMES"

Saōyoshi Tamura

(Do concurso interno de maio)



"LINHAS E TONS"

Euclides Machado

(Do concurso

"HORIZONTE PERDIDO"

Jean Lecocq



(interno de maio)



"SOMBRA E REFLEXO"

Ludovico E. Mungioni

(Do concurso interno de abril)

Seminário de

Arte Fotográfica

Anotações de N. KOJRANSKI

Mais outro seminário de arte fotográfica foi realizado na sede do F. C. Bandeirante, a 17 de maio p. p., sob a orientação do Diretor Fotográfico da entidade, **Dr. Jacob Polacow**, tendo por base trabalhos apresentados no concurso interno anterior, sob o tema "REFLEXOS".

Como de costume, os debates despertaram o mais vivo interesse por parte da numerosa assistência e particular

importância adquiriu esta reunião, dada a presença do **Dr. Maurice Van de Wyer, Presidente da F I A P**, o qual participou ativamente dos trabalhos. As discussões, bastante animadas, não permitiram ao anotador colhê-las com a exatidão que seria de desejar. Em todo o caso, o resumo que a seguir publicamos, dará ao leitor uma ideia de como se desenvolveram os trabalhos e quais os principais temas sugeridos pelas fotografias analisadas.

Dando início à sessão o orientador ressaltava as dificuldades que o tema "Reflexos" ofereceu, congratulando-se com os concorrentes pelo êxito do concurso, pois foram apresentados trabalhos de elevada concepção dentro dos limites que o tema estabelecia, o que demonstra o esforço de pesquisa e criação por parte dos associados. Notando a presença, entre os associados, do **Dr. M. Van de Wyer, Presidente da FIAP**, convida o artista para tomar assento à mesa e colaborar nos debates, pois sua esclarecida opinião será de grande valia para todos nós. Após haver o Presidente da FIAP agradecido a deferência, dá-se início aos trabalhos, com a 1ª. fotografia a saber:

1º Trabalho: "TURBILHÃO"
de Aldo A. de Souza Lima
(Cliché na capa)

Dados técnicos: Ap. Zeiss Ikon, 9x12, obj. Tessar — filme Ansco Super-Pan-Press, f:32, 1 minuto de exposição.

AUTOR — Para a execução do trabalho utilizou-se de um cinzeiro de cristal, de cerca de 15 cms. de diâmetro, colocado sobre um espelho. A iluminação artificial do ambiente — sala dotada de luz indireta em toda a volta — permitiu uma série grande de reflexos no objeto utilizado. O aparelho foi colocado perpendicularmente ao

objeto, de maneira a refletir, com ele autor, no fundo. Tinha em mente representar o turbilhão de ideias que o tema lhe provocou, em sua busca de motivos para o concurso. Experimentou diversos objetos até encontrar aquele que lhe permitiu a execução do trabalho. Si obteve seu intento, os colegas é que dirão.

E. SALVATORE — A seu ver, o autor alcançou seu objetivo. Soube vencer as dificuldades técnicas e quanto à ideia, julga-a bem representada. Sente algo que vai crescendo, alargando-se, a partir do ponto de interesse, e de forma ordenada, apesar da irregularidade das linhas e sombras. Há ordem, na aparente desordem, e um corte exato, proporcionou grande soma de interesse. Mais do que a técnica, o grande mérito do trabalho está na ideia e na originalidade.

M. VAN DE WYER — Manifesta-se de acordo com Salvatore. Falando sobre o tema em geral, "Reflexos", julga-o bastante difícil; haja visto o grande número de fotografias desse gênero, bastante banais e comumente desinteressantes e até desagradáveis. Tendo assistido ao julgamento do concurso, confessa sua surpresa diante do grande número de interpretações e assuntos bastante originais apresentados. No trabalho em exame, julga excelente a concepção. O autor procurou a dificuldade para vencer,

e na originalidade está um dos maiores valores do trabalho. A fotografia sugere mesmo um turbilhão, um estado de confusão, tumultuoso, e ao vê-la recorda-se do enjôo, no navio, durante sua recente viagem para o Brasil.

ORIENTADOR — Deante das opiniões precedentes, abalizadas, é-se levado a crer que o trabalho só possui qualidades. Não terá também alguns defeitos?

F. ALBUQUERQUE — Na sua opinião, tem de fato, e este consiste na introdução das linhas oblíquas, interrompendo o movimento espiral das linhas curvas. Sem essas linhas, a seu ver, melhoraria a composição.

AUTOR — Entre um objeto que lhe dava apenas linhas circulares e o que acrescentou essas linhas oblíquas preferiu este, pois essas linhas dão a sensação de maior profundidade.

ORIENTADOR — Sem as três linhas teríamos a representação de um movimento circular contínuo, o que seria uma standardização sob o ponto de vista composicional. As três “entradas” oblíquas, dão ao movimento um cunho diferente, que não prejudicam a composição, antes a reforçam e além disso acentuam a concepção do autor, qual seja a de representar um estado de espírito perturbado.

SALVATORE — Corrobora a opinião do orientador; a sensação de profundidade apenas por meio de tons, como sugere Albuquerque, não traduziria o estado de espírito tumultuado que o autor quis sugerir, pois somente com as linhas circulares, teríamos um movimento uniforme e um ritmo igual e não variado como se apresenta.

A. NUTI — Apoiar as opiniões precedentes. As três retas reforçam a fuga e acentuam o movimento irregular.

M. TAVARES — Falou-se há pouco em ritmo. Não entende a possibilidade de existirem ritmos em artes plásticas. Elogia o trabalho, mas não acredita ter sido concebido antes de sua execução. A seu ver, foi apenas o aproveitamento de uma parte de um negativo que no seu todo não serviria.

AUTOR — Após procurar vários assuntos para o tema do mês, “Reflexos”, teve a ideia de representar justamente essa procura em si; o negativo é quasi que total, pois a ampliação representa 4/5 do negativo original. Apenas eliminou o necessário para equilibrar a composição.

M. TAVARES — Não obstante, não acredita que o autor tivesse ideia preconcebida do que resultaria quando da ampliação. A

série de efeitos que a fotografia apresenta, duvida que poderia ser prevista apenas com o negativo original.

A. NUTI — A enquadração e o aproveitamento quasi que inteiro do negativo provam que o autor “viu” o assunto no momento da tomada.

E. SALVATORE — Somente um fotógrafo inexperiente poderá não prever o resultado da ampliação. O fotógrafo adiantado, desde o momento da tomada sabe o que faz e sabe perfeitamente o que lhe produzirá o negativo que tem em mãos, mesmo se quiser ampliar apenas pequena parte dele. No caso em apreço, nega tenha intervindo o acaso.

A. NUTI — Numa paisagem, numa marinha, pode acontecer que se encontre um assunto aproveitável apenas num canto, numa fração do negativo, e que não tivesse, de início, chamado a atenção do fotógrafo. Isto, entretanto, não pode suceder numa composição ou num estudo do gênero da fotografia em debate, pois tudo, aqui, é previamente estudado.

G. LORCA — Nega valor ao aproveitamento de partes do negativo; crê que mesmo numa paisagem, deve-se apresentar o que se bateu e não apenas “recortes”.

ORIENTADOR — Em fotografia sempre existirão “tabús”. Essa questão de recortes de negativos deve ser posta em seus devidos termos. Por vezes o fotógrafo vê perfeitamente o assunto, mas algum obstáculo o impede de aproximar-se de maneira a enquadrá-lo conforme deseja. O recurso é colher o negativo do ponto onde se encontra e depois, pelo “corte”, ampliar apenas a parte desejada. Isto em nada desmerece a obra.

M. TAVARES — Insiste no seu ponto de vista, não se convencendo da possibilidade de o autor ter “visto” o trabalho em debate, no momento da tomada.

ORIENTADOR — Às vezes, o observador descobre coisas que o autor não viu. Isto parece anedota, mas a verdade é que geralmente o autor apresenta quadros cujos elementos foram inteiramente observados e analisados. Entretanto, desde Baudelaire, a crítica adquiriu outro rumo, deante de suas colaborações na literatura, música, pintura, etc.. A “história” vem depois. O artista, quando não é crítico, “sente” e faz a obra; a sua interpretação fica, porém, à disposição dos observadores e estes, por vezes, reagem segundo sua própria sensibilidade e não segundo a interpretação do autor e pode até suceder que “sintam” o quadro com mais

"NEON NA POÇA"

M. Laert Dias



intensidade que o próprio autor, o que, sem dúvida, é sinal que a obra possui reais méritos.

2º Trabalho: "NEON NA POÇA" de M. Laert Dias

Dados técnicos: Ap. Voigtlander-Reflex, obj. Skopar; filme Kodak Flux-X, f:8, com 1 minuto. Revelado em D-76. Ampliação em papel "Velour-Black".

AUTOR — Colheu a fotografia, de noite, na praia de Niterói, perto das barcas. Impressionado pelo contraste entre a pobreza do local, a sujeira da praia, cheia de coisas velhas, percebeu ao passar pela poça d'água, o reflexo do anúncio em neon, símbolo de progresso. Executou, pois, a fotografia, esclarecendo que nessa ocasião não tinha em mira o tema "Reflexos", do qual nem se cogitava, pois a fotografia foi colhida há mais de um ano.

A. NUTI — Elogia a "visão" do autor, da qual resultou um trabalho bastante original. Utilizou-se o autor apenas de linhas e dest'arte, julga que poderia fugir da posição horizontal do reflexo, com um corte melhor estudado. A posição horizontal da palavra refletida, é de certa forma monótona; a composição melhoraria bastante se esse reflexo fosse jogado obliquamente.

AUTOR — A seu ver tal não aconteceria, pois os elementos utilizados, areia e água, são perfeitamente identificáveis. Um corte mais em diagonal, falsearia a verdade, dando á poça d'água e á praia uma inclinação impossível na realidade.

E. SALVATORE — Concorde com Nuti. Pensa que o autor se prendeu demasiado á realidade, temendo fugir dela. No caso, a

alteração sugerida (demonstra-o, dando ao trabalho o corte aconselhado por Nuti) sem falsear os elementos, — areia, poça d'água e reflexo, — daria maior movimento ao quadro, mais animação, uma composição mais agradável. A questão toda se resume em saber se se deve permanecer ou não fiel aos elementos fotografados. Isto, por vezes, é uma limitação que o artista deve evitar para que sua obra ganhe maior expressão. Exemplificando, diz que Portinari não alcançaria o êxito que grangeou, se retratasse os seus modelos como eles são e não como êle os "sente", embora deformando-os.

M. TAVARES — O problema é o de se utilizar o artifício a favor da interpretação, do valor artístico. O artista não deve se deixar prender à realidade, pois neste caso não teríamos a "sua interpretação", mas uma simples representação do objeto.

M. VAN DE WYER — Classifica de interessante e bastante original o tema de reflexo a que o autor se submeteu. Salienta que, em geral, os elementos de propaganda são bastante ingratos para serem aproveitados com êxito, em fins artísticos. Essa dificuldade foi, entretanto, brilhantemente vencida pelo autor. Todavia, prefere também o corte mais em diagonal, com o que a composição ficaria melhor.

ORIENTADOR — Resume os debates, aconselhando que, para confronto, o autor execute outra ampliação com o corte aconselhado, de vez que não existindo ponto de referência quanto à horizontalidade, pode o autor fugir á realidade. Elogia a sensibilidade do autor, que o levou a enxergar um assunto original e sumamente interessante, numa cena comum a que poucos prestariam atenção.

3º Trabalho — "SOMBRA E REFLEXO"
de Ludovico E. Munglioli

(Cliché na pg. 20)

Dados técnicos: Ap. Rolleiflex, obj. Tessar; filme Kodak Plus-X — f:3,5 — 1/100. Rev. em D-76.

AUTOR — Realizou esse trabalho há cerca de um ano, na praia de Santos. Ao ver o reflexo de uma pessoa na areia molhada, dentro da própria sombra, surgiu-lhe a ideia de fazer algo que simbolizasse a sombra e o reflexo da alma humana. Nessa tentativa executou o trabalho ora em debate; sendo um contraluz diréto, procurou um ângulo no qual o sol refletido ficasse por detrás da cabeça de modelo, eliminando, assim, possíveis halos.

F. ALBUQUERQUE — Considera a fotografia esplendida, seja em sua concepção, seja quanto á realização técnica. Um trabalho de grande originalidade e bastante expressivo.

A. NUTI — Pergunta se se trata de ampliação de pequena parte do negativo original.

AUTOR — Esclarece que é praticamente todo o negativo. Fez apenas o recorte para um retângulo vertical e levemente inclinado em relação á base, para deixar o assunto principal um pouco em diagonal.

A. NUTI — Comenta a informação, salientando que se deve sempre procurar enquadrar o mais possível o assunto que deverá constituir o objeto da ampliação futura; a informação do autor comprova que o assunto foi por êle visto tal como se apresenta, e não fruto da procura em negativo que, por inteiro, podia ser inaproveitável, sob o ponto de vista artístico.

ORIENTADOR — Observando a copia directa oferecida pelo autor, salienta a importância do corte, do qual resultou a graça e o equilíbrio da fotografia.

E. SALVATORE — Compara o corte dado neste trabalho com o do anterior. A praia parece levemente inclinada sem que isto cause entretanto, qualquer perturbação, exemplificando assim que, por vezes, pode-se fugir á verdade afim de dar maior harmonia ao quadro.

M. VAN DE WYER — Felicita o autor pela excelente técnica que o trabalho apresenta e louva a sua visão e concepção. Entretanto, parece-lhe um pequeno defeito a posição dos pés do modelo, no alto do quadro; a seu ver, deveriam estar separados.

ORIENTADOR — Salienta o reparo do Dr. Van de Wyer, — com o qual concorda plenamente, — como fruto de seu espírito profundamente observador e traquejado. Geralmente, nos bons trabalhos, somos levados a procurar a perfeição, pois são nos bons trabalhos que os pequenos defeitos mais chamam a atenção.

N. RODRIGUES — Não resta dúvida que, chamando-se a atenção do observador para aquele ponto, é-se levado a concordar com a opinião do Dr. Van de Wyer. Julga, porém, que êsse senão é tão pequeno que, de maneira geral, passa desapercibido ao observador, e em nada prejudica o trabalho, cujo ponto de interesse e de atração está na sombra e reflexo conjugados com rara felicidade.

DR. VAN DE WYER — O autor poderia também aproveitar apenas uma perna, colocando o modelo de forma a não aparecer o outro pé.

C. PUGLIESE — De certa forma o segundo pé dá maior senso de equilíbrio e apoio, muito embora sua posição não seja totalmente feliz.

E. SALVATORE — Considera a discussão sobre êsse ponto, improficua, pois trata-se de pequeno detalhe que em nada influe quanto ao conteúdo e méritos do trabalho. Estes prevalecem fortemente sobre senão tão secundário em relação ao todo.

4º Trabalho — "A BOA LUZ..."

de Ivo Ferreira da Silva

Dados técnicos: Ap. Linhof 6x9, de tripla tiragem; filme Kodak Super XX—; f:32, 30 minutos de exposição, revelação em DK 20; Iluminação apenas proveniente da porta envidraçada refletida nos olhos.

AUTOR — Para a execução da fotografia utilizou um fundo preto por detrás e por baixo dos olhos, distanciando-o da porta refletida mais ou menos 5 ou 6 metros, afim de refleti-la por completo na lente; o aparelho foi colocado a 20 cms. do objeto fotografado, e a exposição de 30 minutos foi obtida após bater várias chapas experimentais.

H. PERNA — Extranha uma exposição tão longa; não haveria equívoco?

AUTOR — Não; a exposição foi de 30 minutos; esclarece que não havia nenhuma outra iluminação — a sala onde trabalhou es-

tava às escuras — além da que provinha da porta atrás. O diafragma, fechado ao máximo, f:32, afim de obter maior profundidade de foco, exigia exposição bem mais larga do que poderia parecer à primeira vista.

F. ALBUQUERQUE — Indaga qual a iluminação utilizada por detrás da porta refletida.

AUTOR — Únicamente luz ambiente, reforçada por um pequeno refletor dirigido sobre a parte inferior da porta.

ORIENTADOR — Saliencia a originalidade do trabalho, cujo corte, excelente, muito o valorizou. O autor utilizou elementos simples e já bastante explorados, sabendo fazer, contudo, um trabalho diferente e incomum. Pergunta em que porção foi o negativo aproveitado.

AUTOR — Esclarece que do negativo 6x9, aproveitou uma porção de 4x7.

M. TAVARES — Põe em destaque esse detalhe ao qual dá bastante valor, pois denota que o autor concebêra o trabalho, previamente, tal qual se apresenta. Quanto á fotografia em si, considera-a mais curiosa do que artística.

ORIENTADOR — Considera melhor aplicada a expressão “engenhosa” do que “curiosa”.

F. B. M. FERREIRA — Impressionou-o grandemente a excelente técnica empregada,

a originalidade no aproveitamento dos elementos utilizados e a linha composicional, fortemente gravada, obtida com o aro dos oculos, bem equilibrada com a utilização dos suportes.

Dr. VAN DE WYER — Tece grandes elogios á originalidade da concepção e á excelente técnica de execução. Entretanto, para a perfeita compreensão do quadro, e sua identificação, faz-se quasi necessária uma explicação. Isto, a seu ver não representa defeito. Entretanto, um trabalho dessa natureza, submetido a diversos juris de salões internacionais, certamente provocaria reações opostas: para alguns, possivelmente o trabalho seria até objeto de premiação; outros, porém, até o rejeitariam devido á sua identificação não ser imediata.

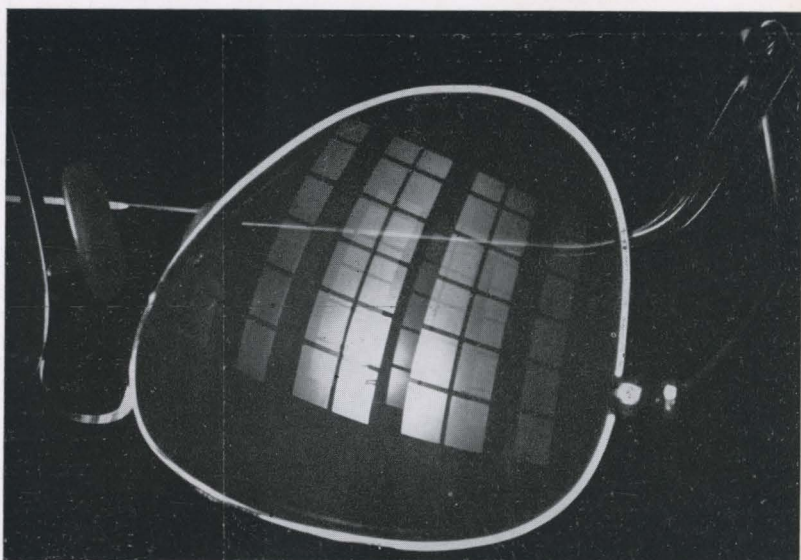
A. F. NUTI — Sugere a colocação de uma figura na porta, o que contribuiria para uma compreensão mais fácil.

Dr. VAN DE WYER — Concorda com a sugestão de Nuti; o trabalho é de características chamadas “modernas” e existem ainda muitos salões — a maioria — demasiadamente presos ao “romantismo”, para os quais a identificação imediata da obra e seu conteúdo, é um dos principais pontos considerados.

C. COMELLI — Não vê como se possa vacilar na identificação dos elementos utilizados para a execução do trabalho debatido.

♦A BOA LUZ...

Ivo Ferreira da Silva



E. SALVATORE — Falando em tésé, julga que, conforme o gênero da fotografia, e especialmente nos temas subjetivos o fáto de os elementos utilizados não serem imediatamente identificáveis, em nada poderá diminuir o valor do trabalho. Muito ao contrário, essa identificação por vezes lhe tira valor, tornando-o demasiadamente objetivo, e quasi documentário.

Dr. VAN DE WYER — Na opinião de muitos juizes internacionais, entretanto, isso é um defeito.

E. SALVATORE — Sòmente poderão pensar assim, juizes demasiadamente apegados ao que em arte se chama "academismo" e daí vemos, comumente, trabalhos de grande conteúdo espiritual, recusados em salões, porque fugiram ás normas clássicas.

ORIENTADOR — A informação do Dr. Van de Wyer deve ser colocada em seu devido lugar. Assim como temos a liberdade de concorrer ou não aos salões, os juris tem a liberdade de aceitar ou não os nossos trabalhos.

E. SALVATORE — Não há a menor dúvida. Entretanto, os juris deverão ser o mais possível compostos de elementos ecléticos, que compreendam a evolução da arte e suas várias "escolas"; caso contrário não seria um salão de "arte" mas de uma determinada corrente artística.

Dr. VAN DE WYER — Exemplificando: na Bélgica temos o Salão de Charleroi de tendências exclusivamente modernas, no qual

difícilmente terão acesso trabalhos clássicos; ao contrário desse, existem outros puramente clássicos ou acadêmicos. O concorrente que objetivar maior êxito deverá mandar seus trabalhos de acôrdo com a tendência do salão.

E. SALVATORE — O artista que assim proceder, não será sincero consigo próprio e visa satisfazer apenas a sua vaidade, não prestando serviço algum á arte. Desde que se atinja um determinado nível, a execução de "fotografias de salão" torna-se relativamente fácil, buscando temas de geral agrado, temas populares, fotografias bonitas, bem executadas tècnicamente, mas comumente, vazias de conteúdo. Si assim procedessem os artistas, teríamos então a estagnação da arte; não haveria evolução e as môstras artísticas seriam uma constante repetição de temas e interpretações já sovadas. O verdadeiro artista, não busca o beneplacito da crítica ou do júri do salão fazendo o que sabe de antemão ser do agrado dos mesmos; executa a obra segundo suas próprias concepções e de acôrdo com a sua própria personalidade e sensibilidade. Muitos artistas hoje considerados como tais, foram incompreendidos em sua época e, provavelmente, muitos outros incompreendidos hoje em dia, serão amanhã considerados grandes artistas.

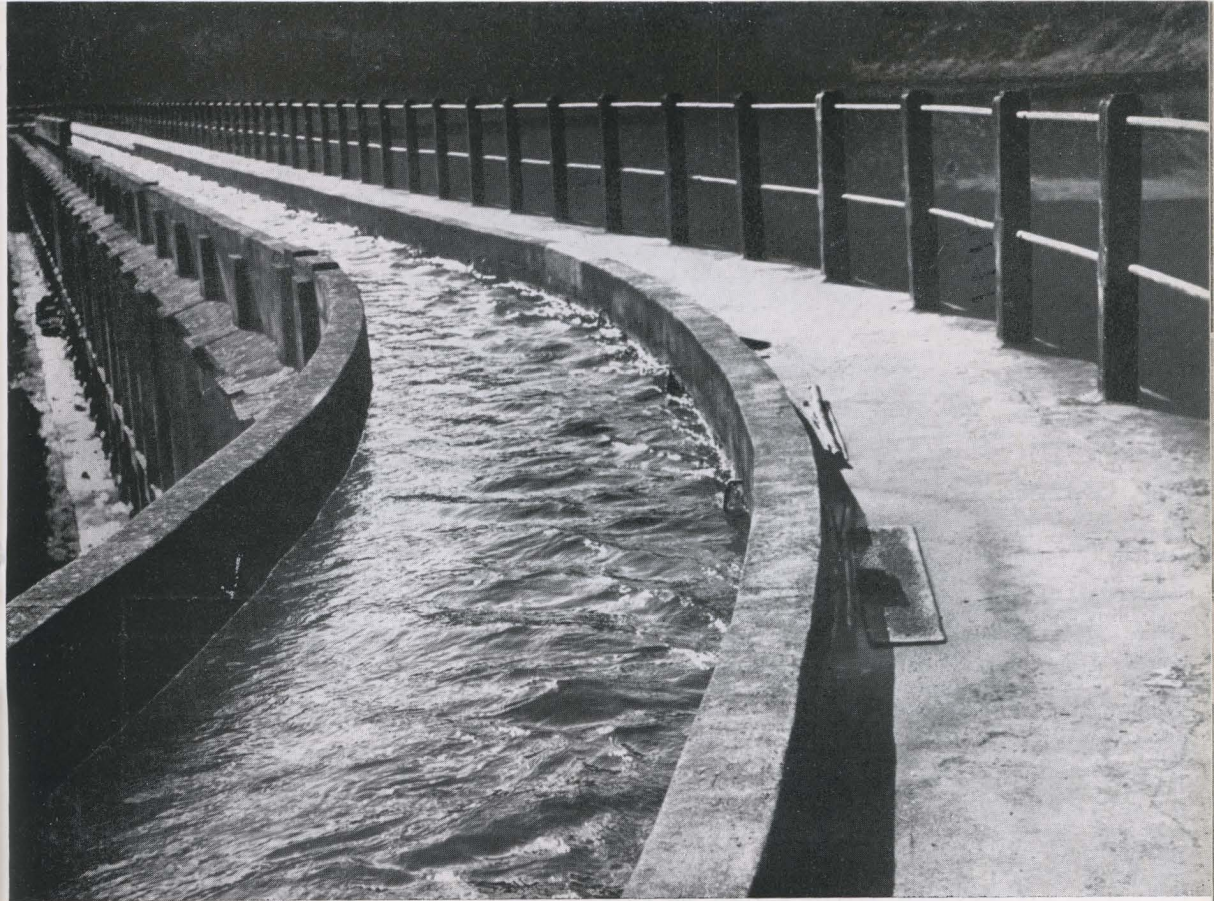
M. TAVARES — Um comentador norte-americano, em artigo recente, denominou de "salonite", considerando-a um mal, a preocupação de fazer trabalhos com a única preocupação de expô-los em salões.

Dr. VAN DE WYER — Concorda com as opiniões precedentes. A "salonite" ou "exibicionite" é realmente um mal que devemos evitar. Os que são por eles atacados não procuram novos meios de expressão, novos caminhos, não pesquisam e consequentemente, não progredem. Repetem-se apenas.

ORIENTADOR — Louva o debate sobre tal assunto, e opina que sòmente um intenso intercâmbio de trabalhos, ideias e críticas, poderá aplainar as dúvidas de interpretação que geralmente ocorrem. Dado o adiantado da hora, dá por encerrados os debates, agradecendo a colaboração do Dr. Van de Wyer, e de todos os presentes.

"BANDEIRANTES EM AÇÃO" (Interessante flagrante colhido por ocasião da excursão aos "Lagos de Itapetí", vendo-se, em atividade, Masatoki Otsuka, em pé, e abaixados Roberto Yoshida e Kazuo Kawahara.





"FUGA"

Renato Francesconi

(Do concurso interno de maio)

Emulsões Fotográficas

Adaptação por

CLAUDIO PUGLIESE

A emulsão sensível á luz que, estendida sobre vários suportes, constituem os filmes ou chapas fotográficas, compõem-se principalmente de gelatina e sais de prata.

Por sua própria natureza, os sais de prata têm sua sensibilidade limitada ás radiações violeta e azul. Assim, para obter a tradução das várias cores em claro-escuro (escala do branco ao preto) pesquisaram os técnicos e juntaram á emulsão substâncias corantes que a tornaram sensível, praticamente, á todas as cores.

Conforme a sensibilidade da emulsão, isto é, a capacidade de reproduzir em branco e preto e em meios tons (cinza mais ou menos intenso) as cores por ela registrada, classifica-se o material sensível em três categorias principais:

1 — **Emulsões comuns** — as quais são sensíveis apenas ás cores roxa e azul. Elas reproduzem fielmente o branco e preto, enquanto o azul e o roxo se traduzem em um cinza mais ou menos claro. O amarelo e o vermelho rendem também o preto.

São emulsões pouco usadas na atualidade (talvez apenas por antigos fotógrafos ambulantes, tendo em conta seu baixo custo) e não se recomendam mesmo para os serviços mais simples. Sua menção foi feita apenas a título informativo.

2 — **Emulsão Ortocromática** — É sensível ao roxo, verde e amarelo, apresentando o máximo de sensibilidade para o azul e o roxo e mínima para o amarelo.

Na cópia fotográfica vamos registrar o seguinte resultado: o azul e o roxo se traduzirão em um cinza leve, quasi branco; o verde em um cinza mais carregado e por fim o amarelo em um cinzento mais escuro.

A emulsão ortocromática não é sensível ao vermelho e quasi nada ao laranja, de maneira que estas cores se reproduzirão em tons cinzas, uniformes e muito escuros, quasi pretos. (FIG. 1)

A emulsão ortocromática adapta-se muito bem aos motivos comuns, nos quais não existam massas dominantes das cores vermelha e alaranjada.

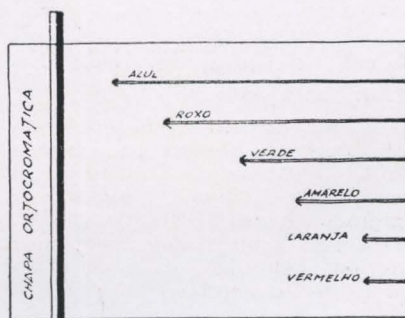


Fig. 1 — **Emulsão Ortocromática**

3 — **Emulsão Pancromática** — É sensível a todas as cores, desde o roxo até o vermelho, apresentando o índice máximo para o azul e o mínimo para o verde.

Na cópia fotográfica, o azul se apresenta em um cinza leve, o verde em um cinza escuro e as demais cores em tonalidades cinzentas variáveis entre estes dois extremos, conforme o gráfico abaixo. (FIG. 2)

O tipo de emulsão **orto-panchromático** é mais recente e mais perfeito, apresentando melhor equilíbrio entre a sensibilidade do verde e do vermelho. Alguns filmes apresentam sua emulsão tão bem reguladas para todas as cores que torna desnecessário o uso de filtros para correção do registro cromático.

Citaremos agora outros tipos de emulsões, especiais para abrangerem diferentes campos da fotografia e que

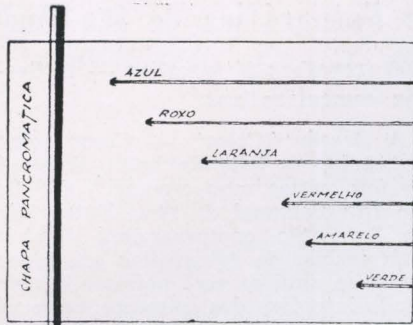


Fig.2 Emulsão Panchromática

somente são usados por amadores, como pesquisa experimental ou visando algum efeito especial.

— **Emulsão ultra-violeta** — O próprio nome já informa que essa emulsão se destina especialmente às fotografias de radiações ultra-violetas, exigindo lentes especiais que não absorvem estes raios intensamente emitidos pela luz solar e por outras fontes de luz artificial.

A fotografia ultra-violeta tem larga aplicação na pesquisa científica, como p. ex., na investigação de alterações em documentos, pois a fluorescência torna evidentes quaisquer traços, por mais leves que tenham sido, expondo um retoque ou ratura, mesmo quando apagadas com borracha; impressões digitais, quase imperceptíveis, pelo processo comum de pulverização com antracite (substância muito fluorescente) tornam-se perfeitamente identificáveis. Outra aplicação do processo está na verificação de alterações em quadros de pintura, tecidos, e em comparações de substâncias conhecidas com outras a pesquisar.

— **Emulsão infra-vermelha** — A fotografia comum nos permite utilizar as radiações do espectro visível. O processo infra-vermelho nos assegura a utilização das notáveis propriedades das radiações invisíveis do “extremo-vermelho” e “infra-vermelho”, as quais são parcialmente conhecidas.

As expressões “extremo-vermelho” e “infra-vermelho” não indicam tonalidades de vermelho mais escuras. Elas

indicam as regiões superiores que se estendem além do vermelho do espectro visível, e as quais os nossos olhos não distinguem e são representadas por ondas de radiações cujo comprimento é muito superior ao das ondas limitadas pela nossa capacidade de absorção visual.

O espectro visível utilizado em fotografia comum atinge, praticamente, de 400 milimicron (violeta) até 700 milimicron (início do extremo-vermelho).

(Todas as ondas eletro-magnéticas — raios cósmicos, raios X, radiações ultra-violetas, radiações do espectro visível, radiações infra-vermelhas, ondas Hertzianas, ondas da telegrafia sem fio, etc. — são indicadas em comprimentos de ondas. Para as medidas bem pequenas, o “milimicron” é a referência adotada e seu valor corresponde a 1 milionésimo de milímetro).

Os filmes e chapas de emulsão infra-vermelha se apresentam em todos os tamanhos. Estas emulsões não devem ser utilizadas em aparelhos de recursos limitados, nem tampouco em modelos de fole, pois, as radiações infra-vermelhas poderão velar o filme, considerando-se que o comprimento de sua onda é suficiente para vencer a tela de pano ou oleado do fole. Tais filmes, portanto, devem ser empregados em aparelhos de corpo inteiramente metálico, de bom preço, e os chassis devem ser também de muito boa qualidade.

Devem os fotógrafos cuidar de não aquecer ao sol a câmera carregada com filme infra-vermelho, porquanto o calor, amitindo radiações infra-vermelhas, será suficiente para inutilizar a emulsão.

Tais filmes são largamente empregados para a leitura de documentos antigos, constatação da autenticidade de gravuras e estampas, leitura de documentos borrados com tinta nanquim ou comum, para vistas panorâmicas de longas distâncias e fotografias aéreas e de cunho estratégico, pois têm grande penetração eliminando nebulosidade, para fotografias sem luz visível, fotografias médicas e astronômicas, além de outras fotografias científicas.

Xº Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Extraordinária concorrência: mais de 1.300 trabalhos já inscritos — A Secção “Color” — Medalhas comemorativas.

Ao noticiarmos, num dos últimos números do nosso Boletim, a realização, êste ano, do Xº Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, dissémos que o mesmo deveria alcançar êxito sem precedentes.

Nossas previsões vêm sendo confirmadas, e além mesmo de toda expectativa, pois sabemos com quanta dificuldade de material fotográfico de qualidade vêm lutando os aficionados principalmente sul-americanos e europeus.

Não obstante, até a data em que escrevemos este comentário — 20 do corrente mês de junho — já foram recebidos e inscritos, apenas na secção “branco e preto”, mais de 1.300 trabalhos de cerca de 380 autores, só do estrangeiro, aguardando-se ainda o recebimento de várias outras centenas, cujos boletins de inscrição se encontram já na secretaria do Foto-cine Clube Bandeirante.

As mais importantes entidades fotográficas de 33 países, os mais notáveis e conhecidos autores internacionais, enviaram seus trabalhos, desejosos todos de vencerem a difícil prova da seleção e terem suas obras expostas no Salão de S. Paulo, conhecido e renomado em todo o mundo, como uma das mais apuradas e elevadas mostras de Arte Fotográfica.

Diante de tão grande número de trabalhos e concorrentes estrangeiros, cresce a responsabilidade dos aficionados nacionais, cujos êxitos e elogiosas referências obtidas nos inúmeros certames realizados no exterior, guindaram nosso país a posição das mais destacadas dentre os principais centros cultores da fotografia artística.

É preciso, portanto, que os nossos amadores e profissionais se compen-trem da importância de sua participação e inscrevam seus melhores trabalhos afim de que, também no nosso principal Salão, a fotografia brasileira conquiste, mais uma vez, os aplausos da crítica e dos entendidos.

A Secção “Color” — Como temos noticiado, ao lado da habitual secção de fotografias monocromas, o Xº Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo compreenderá também uma secção de fotografias em côres. Também aqui se vem notando o acen-tuado interesse dos concorrentes e vá-rias centenas de trabalhos já foram recebidos de artistas-fotógrafos do es-trangeiro.

Realização inédita para S. Paulo, dará ensejo a pôr os nossos pratican-tes da fotografia em côres em dirêto confronto com os mais avançados au-tores do estrangeiro. Poderemos, as-sim, melhor aquilatar as obras de uns e outros e o nosso adiantamento tam-bém neste setor da fotografia que, nestes últimos anos, vem tomando grande incremento e conquistando maior número de adeptos.

Medalhas comemorativas — Come-morando a décima realização consecutiva do Salão de S. Paulo, a Diretoria do F. C. Bandeirante conferirá a todos os expositores, de ambas as secções do Xº Salão, uma medalha alusiva ao acontecimento.

O encerramento das inscrições — Es-tá marcado para o próximo dia 30 de julho o encerramento do prazo para inscrições, havendo uma tolerância de 8 dias para o recebimento dos traba-lhos de concorrentes residentes fóra da Capital de S. Paulo que, até aquela data, houverem comunicado a remessa de suas fotografias.

Cada concorrente poderá inscrever até 4 fotografias em cada secção, e o regulamento do Salão obedece às dis-posições geralmente adotadas em to-dos os salões internacionais e recomen-dadas pela Federação Internacional de Arte Fotográfica (FIAP) e Photogra-phy Society of America (PSA).

Os boletins de inscrição poderão ser encontrados nas principais casas foto-gráficas da cidade, ou solicitados, bem como quaisquer outras informações, á Secretaria do Foto-cine Clube Bandei-rante, á R. Avanhandava 316, São Paulo, fone 32-0937.

Excursão a Valinhos

Mais uma agradável e proveitosa excursão foi levada a efeito pelo Foto-cine Clube Bandeirante, no dia 3 de junho último.

O local escolhido, desta vez, foi a "Fonte Sonia" no vizinho município de Valinhos.

Ali, onde a mão do homem aliou-se á natureza para tornar esse local um dos mais aprazíveis recantos do nosso Estado, encontraram os bandeirantes motivos bastantes para a prática da fotografia em seus vários gêneros: desde a paisagem, óra agreste, óra tranquila e sombria, até a cêna de gênero ou a composição. E, certamente, eles não perderam tempo. Um numeroso grupo seguiu, mesmo, na véspera, afim de gozar um delicioso fim de semana, enquanto o grosso dos caravanistas saiu de S. Paulo, em ônibus especial ou em seus carros próprios, domingo bem cedo, quando a neblina cerrada, qual um enorme manto branco, cobria a paulicéia presagiando um dia dos mais lindos e "fotogênicos".

Descrever em detalhes o que foi a excursão, suas notas alegres e pitorescas, aquele ambiente de sadia e sincera amizade e cooperação entre os associados, cousas, aliás, comuns em todas as excursions promovidas pelo F. C. Bandeirante, daria apenas uma pálida ideia da realidade. Melhor será aconselharmos aqueles que delas ainda não participaram a que não percam as que futuramente serão realizadas.

Como nota especial, assinalamos a presença do Dr. Van de Wyer, Presidente da FIAP, o qual já se integrou e vem participando com entusiasmo das atividades clubísticas do F. C. B., e cuja figura simpática e alegre, já se tornou popular e bemquista entre os bandeirantes.

Nos flagrantes que acompanham esta nota, colhidos durante a excursão a Valinhos, vemos: 1.º - "As quatro boinas", ou melhor, os conhecidos aficionados, José Valenti, Plínio Mendes, Claudio Pugliese e Arnaldo Florence (de costas), da turma da véspera, ludibriaram a noite frígida, numa "esquentada" partida de buraco; 2.º - Durante uma pausa, na estrada, grupos de excursionistas gozam os primeiros raios do sol, vendo-se no primeiro plano, o Dr. Van de Wyer em palestra com Barbara Mors e Nair G. Sterenyi; 3.º - Na terrace do Hotel, o Presidente da FIAP, (ao centro) troca impressões com o casal Salvatore, Plínio Mendes e Carlos Ligér; 4.º - Um grupo de excursionistas e 5.º - O agradável almoço campestre, no bosque, reuniu, numa das mesas, as famílias Nuti, Palmerio, Russo e Salvatore.



O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

O F. C. B. na Italia — Conforme démos notícia em Boletim anterior, encontra-se na Italia, uma coleção de 50 fotografias de associados do F. C. Bandeirante, afim de serem exibidas sob os auspícios das principais entidades congeneres da península.

Depois de expostas, com grande sucesso, no Circolo Fotografico Milanese, esteve a coleção aberta ao público de Roma, nos salões da "Associazione Fotografica Romana Dilettanti", de 19 de maio á 2 de junho último.

Sobre a impressão que causaram os trabalhos bandeirantes, tomamos a liberdade de transcrever da carta que nos enviou o Sr. **Domenico Caracciolo**, secretário daquela entidade, os seguintes períodos, sobremodo expressivos:

"Os nossos sócios e os numerosíssimos entendidos de fotografia que até agora visitaram a mostra, constataram, com sincera admiração, o elevado nível artístico da coleção que representa, condignamente, o vosso Clube.

Estes belos trabalhos, admiráveis pela concepção artística e execução técnica, nos permitiram formar um conceito exato do autentico valor dos amigos paulistanos.

Pessoalmente acredito que os 35 autores representados na coleção atingiram resultados assim tão apreciáveis, não apenas em virtude de suas aptidões pessoais, mas também porque têm a fortuna de fazer parte de uma associação como o Foto-cine Clube Bandeirante que, com as suas iniciativas e a sua intensa atividade não pôde senão contribuir, eficazmente, para o contínuo aperfeiçoamento dos próprios membros".

XIV Salão do F. C. Argentino — 1950 — Vimos de receber o catálogo deste importante Salão Rio-Platense, no qual, mais uma vez, o Brasil teve destacada posição.

Da representação nacional, 36 trabalhos compuzeram a participação do F. C. Bandeirante, cujos expositores foram os seguintes: J. Agostinelli, com "A espera"; F. Albuquerque, com "Beldade rústica" e "Retrato"; T. J. Farkas, com "Pátio de manobras"; M. Fiori, com "Santa Cruz dos pecadores" e "Via Anchieta"; A. M. Florence, com "Recanto de Atelier" e "Dantesca"; G. Gasparian, com "Goiabas"; C. F. Latorre, com "Varal" e "Melancolia"; G. Lorca, com "Pano" e "Chuva na janela"; E. Machado, com "Cabrestante"; M. Morales F., com "Meditação"; M. Moreira, com "Noventa anos"; B. Mors, com "Acesso ao lago"; L. Mungioli, com "Sonho"; A. F. Nuti, com "Arabescos" e "A despedida"; M. Otsuka, com "Grade moderna"; F. Palmerio, com "Amarrado"; J. Ramalho, com "Repouso"; A. Rocha, com "Um pulo no espaço"; N. S. Rodrigues, com "Cristais" e "Matinal"; E. Salvatore, com "Manhã brumosa" e "Aguas silenciosas"; A. Souza Lima, com "Arquitetura moderna" e "Linhas"; A. Trovato, com "Sol de abril"; L. Vaccari, com "Escala florida" e "Dirce"; A. S. Victor, com "Boa viagem"; e R. Yoshida, com "Mimosa" e "Caboclo velho".

Com este resultado, que deverá somar-se ao computo geral apresentado no último Boletim, damos por encerrada a série relativa ao ano de 1950, no qual tanto se distinguiram os bandeirantes que, em número de 67 concorrentes, tiveram nos 27 salões de que participaram, um total de **822 trabalhos** admitidos!

Aguardemos, agora, os resultados dos salões de 1951, para os quais o F. C. Bandeirante já está remetendo suas representações. Não temos dúvida de que eles virão elevar ainda mais o já bastante alto conceito da fotografia artística brasileira.

Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-cine Clube Bandeirante

Atividades Fotográficas no País

Salão Capixaba de Arte Fotográfica

Associando-se aos festejos do 4º Centenário da fundação de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, o **Foto Clube do Espírito Santo** uma das mais prestigiosas e ativas entidades fotográficas do Brasil, promoverá, em setembro próximo, o seu IV Salão de Arte Fotográfica.

E afim de que o certame seja uma demonstração do alto nível alcançado pela fotografia artística em todo o país, deliberou a diretoria da entidade capixaba dar-lhe caráter nacional, pelo que estendemos a todos os aficionados o convite que nos dirigiu aquela confrade para participar do referido certame.

As inscrições serão encerradas no dia 20 de julho próximo, devendo os trabalhos serem encaminhados à secretaria do Foto Clube do Espírito Santo, Caixa Postal 366, Vitória, Esp. Santo.

Xº Salão Brasileiro Anual de Arte Fotográfica — Rio de Janeiro

Mais uma vez abrir-se-ão as portas do "Salão Assírio", na Capital Federal, para a realização, em setembro próximo, do Xº Salão de Arte Fotográfica promovido pelo veterano e sempre entusiasta **Foto Clube Brasileiro**, onde pontificam figuras de larga projeção no cenário artístico-fotográfico nacional, como os Drs. Nogueira Borges, seu DD. Presidente Perpétuo, Djalma Gaudio, José Oiticica Fº, Bellini de Andrade, Clovis de Brito, Lycio de Faria, e tantos outros.

As inscrições para o renomado certame nacional, serão encerradas a 31 de julho. Até esta data, portanto, deverão ser remetidos os trabalhos e boletins de inscrição, à Secretaria do Foto Clube Brasileiro — Trav. do Ouvidor 36, 7.º and., s/14, Rio de Janeiro.

Foto-cine Clube de Campinas

A data de 16 de junho p.p., assinalou a passagem do 2º aniversário de fundação da

entidade congênera que reúne os aficionados da grande cidade campineira.

Com tão poucos anos de vida, vêm se distinguindo o Foto-cine Clube de Campinas por sua grande atividade e entusiasmo, tendo levado a efeito já, seu primeiro Salão de Arte Fotográfica e várias outras iniciativas de grande interesse, todas elas alcançando grande êxito.

Ainda recentemente, com igual sucesso fez realizar o seu "I Seminário de Arte Fotográfica" do qual participaram, especialmente convidados, os Srs. Eduardo Salvatore, José V. E. Yalenti, Jacob Polacow e Arnaldo M. Florence, do F. C. Bandeirante.

A propósito dessa reunião recebeu o Presidente do F. C. B., delicado ofício, que data-venia, transcrevemos a seguir:

"Senhor Presidente:

Mui prazerosamente, vimos trazer ao conhecimento de V. S. que, em áta da reunião da diretoria, efetuada ontem, foi lançado um voto de efusivos agradecimentos pela preciosa e total cooperação do Foto-cine Clube Bandeirante ao nosso "I Seminário de Arte Fotográfica", o qual obteve extraordinária repercussão nos meios culturais e artísticos desta cidade, além de confirmar diretrizes para a Arte Fotográfica.

A diretoria faz também um agradecimento distinto à pessoa de V. S. e a cada um dos componentes da ilustre, luzida e simpática delegação que em todos deixou indelevel impressão, dentre outros motivos, pela cultura, elevação e elegância, com que se houveram nos interessantes debates.

Com o mais alto apreço e consideração, apresentamos nossas sinceras e cordiais saudações.

a) JOSÉ NANIA, secretário.

Com satisfação, nos associamos ao justo júbilo com que os associados da entidade campineira festejaram o 2º aniversário da entidade, formulando votos de sempre crescente progresso e prosperidade.



Flagrantes colhidos durante o I Seminário promovido pelo F. C. C. de Campinas, vendo-se no primeiro o Sr. Arnaldo M. Florence ao dissertar sobre a personalidade da sábio Correa de Melo, colaborador de Hercúles Florence nas pesquisas deste sobre a fotografia e cujo retrato foi inaugurado na ocasião, e no segundo, o Sr. Henrique de Oliveira Jr., da entidade campineira, demonstrando á comitiva bandeirante um projetor sonôro, 16 mm, de sua inteira fabricação.

SALÃO INTERNACIONAL DE MILWAUKEE — EE. UU.

Por nosso intermédio, nosso correspondente nos Estados Unidos da América do Norte, o destacado amador e dirigente da P. S. A., Sr. Ray Miess, convida os aficionados brasileiros a participarem desse importante salão norte-americano, que é patrocinado pelo "Photo Pictorialists of Milwaukee".

As inscrições serão encerradas a 24 de novembro p. futuro, devendo a exibição realizar-se de 6 de dezembro de 1951 a 7 de janeiro de 1952.

Os pedidos de informações e boletins de inscrição deverão ser dirigidos a:

Sr. Robert J. Lauer
c/o Milwaukee Glove Company
807 South 14th Street
Milwaukee 4, Wisconsin, EE. UU.

ALGUMAS GENERALIZAÇÕES...

(CONCLUSÃO)

rompe a operação de multiplicação das células no momento oportuno é bem pouco percebido pelos embriologistas, como também o é a causa estimulante do seu aumento inicial.

Se nos recordarmos de que as..... 9.200.000.000 de células do cortex cerebral humano compõem o elemento nervoso desse órgão e que constituem, colectivamente, pouco menos do que uma polegada cúbica de protoplasma, parece-nos quasi incrível que elas nos prestem utilidade do modo como nos servem. Constituem os materiais cuja actividade representam todos os estados mentais, sensações, memória, volições, emoções, afectos, os mais altos vãos da poesia, as lucubrações filosóficas mais profundas, as teorias mais avançadas da ciência, e, quando a sua actividade se acha desviada os desvarios da doidice. É esta pequena quantidade de protoplasma em cada qual de nós que nosso sistema educativo se empenha em ensinar e que nos serve por toda uma vida no desenvolvimento da personalidade".

... (7) Myron Malkiel-Jirmounsky, "PRE-CONCEITOS DA ÉPOCA", p. 34. (Edição da Revista OCIDENTE, Lisboa — 1948).

... (8) Lello Universal.

... (9) "Muita gente parece supor ver com os olhos. Não se dá tal. Vêem com o cérebro. O olho não é senão a lente da câmara, o qual não registra o quadro mais do que o olho humano. É a chapa sensibilizada que registra a imagem — não a lente. Assim também o cérebro".

NOTA: A ortografia empregada no presente artigo é a preconizada pela ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, no "VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA" — 1940, relator do qual foi o sr. Rebelo Gonçalves.

CONCURSOS INTERNOS

Continuam sendo entusiásticamente disputados os concursos internos mensais promovidos pelo F. C. Bandeirante, cujo calendário para os próximos meses é o seguinte:

Junho	- Sombras
Julho	- Tema livre
Agosto	- Não haverá concursos, em virtude dos preparativos e realização do Xº SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE. FOTOGRAFICA DE SÃO PAULO.
Setembro	- Arquitetura, Monumentos (ângulos, detalhes)
Outubro	- Simplicidade.
Novembro	- Tema livre
Dezembro	- Tema livre

Lembramos aos concorrentes que os trabalhos deverão obedecer ás disposições do regulamento dos concursos internos, entre as quais: a) tamanho mínimo de 24 cts. do lado menor e máximo de 50 cts. do lado maior, montados em cartolina branca ou creme de 35x50 ou 50x70 cts.; b) os trabalhos deverão ser entregues ao diretor dos concursos, (excepção feita para os concorrentes de fóra de S. Paulo), já montados, sob pena de não serem admitidos a concurso; c) o prazo para inscrições encerra-se no dia 20 de cada mês, havendo a tolerância máxima de 48 horas para a entrega dos respectivos trabalhos.

NOVOS SÓCIOS

Aos novos aficionados que acabam de se filiar ao quadro social do Foto-cine Clube Bandeirante, cuja relação segue abaixo, apresentamos nossos votos de boas vindas:

Inscrições ns. 887, Roberto dos Santos Aflalo; 888, Srta. Jurema Leme Rodrigues; 889, Toshio Ueno; 890, Renato Souza; 891, Otto E. Seligsohn, de Ilhéus; 892, Hans Frehls; 893, Geraldo Ferreira da Rosa Aquino; 894, Mauricio José Féres, do Rio de Janeiro; 895, João B. Ferraz Costa; 896, Eugênio Henrique de Lucena, do Rio de Janeiro; 897, Frederico Halusca, do Rio de Janeiro; 898, Tacito José Grubba; 899, Constantino Mazonoff; 900, Satoru Noshiyama, de Londrina; 901, Haruo Ohara, de Londrina; 902, Roberto de Godoy Moreira; 903, Wolfgang Rodolfo Peschke; 904, Messias de Freitas Leitão; 905, Cesar Mémolo Junior, de Atibala; 906, Ivo Giorgetti; 907, Anibal Nunes Pires, de Florianópolis; José Bezerra do Nascimento, de Goiânia; 909, Srta. Dorothy Prime; 910, Caetano Gallo e 911, Wilson de Moraes.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1951

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1951, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consócios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, á relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham á iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do salão	Denominação - Local - País	Circuito	Data de entrega no clube.
27.º	Zaragoza — Espanha	(circuito de S. Sebastian)	
5.º	Bologna — Italia		6 de junho
12.º	Estocolmo — Suécia		6 de junho
	Bruxelas — Bélgica	(circuito de Antuérpia)	
39.º	Paris — França		20 de junho
10.º	SÃO PAULO		14 de julho
7.º	Buenos Aires — Argentina		20 de julho
15.º	Chicago — EE. UU.		7 de agosto
17.º	Santiago — Chile		10 de agosto
	Madrid — Espanha	(circuito de Barcelona)	
2.º	Pena Rohario — Rosario, Argentina		15 de agosto
15.º	Argentino — Buenos Aires, Argentina		15 de setembro
5.º	Cuba — Hava, Cuba		20 de outubro

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se á disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anuncios cobrados á razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anuncio mensal será gratuita.

VENDE-SE uma ROLLEIFLEX com Tessar "T" 1:3,5, último tipo, nova em folha, por preço de ocasião. Negócio urgente. Tratar com Helio, Gráfica Brescia, Rua Brigadeiro Tobias, 96/102 - Fone: 34-9389.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, toda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, para filme rígido, etc. Não aceite imitações. placas cromadas, marfinites, intermediários FONTAMAC, rua Francisca Miquelina, 190 - Fone: 33-5628.

ARTIGOS fotográficos e cinematográficos, acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estoque. Visite-nos sem compromisso. SIMON KESSEL, rua Conselheiro Crispiniano, 404 - 2.º and. - sala 211.

ROLLEIFLEX — Vende-se, com Tessar 1:3,5, azulada, último tipo, novíssima em folha, bolsa original de prontidão, acompanhada de um jogo de "prochar" e dois filtros originais. Tudo por Cr.\$ 7.000,00. Tratar com Nelson, na Secretaria do Clube.

DEHEL - Vende-se uma 4,5x6 cm., com obj. Manar Anastigmat 1:3,5 por Cr.\$ 1.000,00. Tratar com Nelson, na Secretaria do Clube.

ROLLEIFLEX 1:3,5 - Vende-se uma, último tipo, com objetiva Tessar, azulada, visor esportivo, etc., por preço de ocasião. Tratar pelo tel.: 36-3310.

VENDE-SE qualquer artigo cine-fotográfico (novo) com 15% de desconto ao preço da praça. Montagens de vidro para "slides" a Cr.\$ 2,50 (miniatura). Tratar com Luiz pelo fone: 51-3981.

LEICA III-C - Vende-se uma nova, com objetivas avulsas: Elmar 1:3,5, f. 5cm.; Sonnar 1:2, f. 8,5 cm.; Sumar 1:2, f. 5 cm. (pouco usada) e uma objetiva grande-angular Hektor 1:6,3, f. 2,8 cm.

VOIGTLANDER BESSA 1:3,5 no tamanho 6x9 com adaptador para 4,5x6. Dois fotômetros: Sixtus e Sixtomat. Todo artigo é apresentado com mais de 30% de desconto ao da praça. Deixar recado para Heinz Knoedgen pelo tel. 36-6458.

**KOSMOS
FOTO**

ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS

RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO

MAR
CUS



MILHARES DE OLHOS

VÊM E JULGAM OS SEUS
ANUNCIOS

Da sua apresentação
depende a sua eficiência.

Portanto, em seus impressos
use sempre

Clichés **FORTUNA**

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 2-3492



Faça a "biofotografia"
de seu filho, com
filmes

Gevaert

À venda nas melhores casas do ramo.

Record 1008

Composto e impresso na Gráfica Drescia - R. Brig. Tobias, 96/102 - S. Paulo - Telefone, 34-9339